

Apresentação

Este número especial dos *Cadernos de História da Ciência* apresenta como tema central "Arquitetura, Patrimônio e Saúde pública". Os artigos que compõem o presente volume tratam de diferentes enfoques sobre a arquitetura no campo da saúde pública e sua edição foi coordenada pelo arquiteto Sergio De Simone.

O primeiro artigo da professora Maria Amélia M. Dantes, "O Instituto Vacinogênico de São Paulo - Uma instituição de saúde pública no bairro do Cambucí (1894 - 1924)", analisa a atuação do Instituto Vacinogênico de São Paulo no período em que funcionou na rua Pires da Mota 35, no bairro do Cambucí. Para a produção das vacinas foi construído um prédio que seguia as normas de higiene estabelecidas internacionalmente, em região de recente urbanização na cidade de São Paulo. O Instituto Vacinogênico funcionou neste prédio até 1924, quando foi transferido para o Instituto Soroterápico do Butantan.

Anderson Luiz Félix de Sá, em seu artigo "Arquitetura do início do século XX no Instituto Butantan" tem como objetivo central apresentar as características das diferentes linguagens (Ecletismo, o Art Nouveau, o Art Déco e o Neocolonial) e o contexto em que foram produzidas. Em seguida, são descritas algumas obras do Instituto Butantan representativas do período, estabelecendo-se relações com outras obras contemporâneas, e mostrando a relevância desse *campus* como registro de soluções arquitetônicas que abrigaram as ciências no Brasil.

"Apontamentos para a questão da modernidade no Instituto Butantan" de Luiz de Lucca Neto evidencia nos anos de 1960 a probabilidade de se introduzir a questão da modernidade e da sua quase invisível presença na arquitetura do Instituto Butantan. O artigo abre uma discussão a respeito da escassez modernista no Butantan num momento em que a arquitetura moderna brasileira encontrava seu auge, seus projetos se concretizavam – a exemplo da inauguração de Brasília – e a euforia pela

modernização permeava o imaginário nacional. Ainda esboça hipóteses que fundamentem a razão da não realização dessas propostas modernas elaboradas para o Instituto Butantan em 1960.

Os dois artigos que se seguem tratam de diferentes abordagens sobre concepções arquitetônicas e as formas médicas e culturais. "Memórias da Faculdade de Medicina da Bahia para o patrimônio das ciências médicas no Brasil" de autoria de Adriana Monica Martin e Roberto Righi, discute a fundamentação teórica e prática do restauro do conjunto da Escola de Medicina da Bahia e especialmente do Salão Nobre. A metodologia aplicada envolve estudos teóricos e práticos. Os teóricos envolvem fontes primárias e secundárias. Destaca-se dentre elas as: do Instituto Geográfico Histórico da Bahia, os jornais da época, documentos do Memorial da Medicina da Bahia, e entrevistas. Dentre os estudos práticos há detalhados levantamentos arquitetônicos, fotográficos e outros feitos no edifício em Salvador, que fundamentam suas conclusões.

Em "Tradição e saúde e as mudanças nas necrópoles de Pelotas" os autores Anderson Pires Aires Ester Judite Bendjouya Gutierrez em artigo original buscam identificar na história mortuária possíveis classificações das necrópoles quanto às suas organizações e aos seus costumes. Por meio do estudo sobre as formas de sepultamento no Brasil do século XIX, os cemitérios da cidade de Pelotas foram analisados e agrupados em duas categorias. A necrópole da tradição abrangeu os quatro primeiros campos santos da cidade. Nesse grupo, foram observadas características que perpetuavam as tradições da igreja, sem uma preocupação sobre os perigos que os corpos em decomposição junto à cidade apresentavam. A necrópole da saúde seguiu determinações para evitar a propagação de doenças, representou um campo santo de Pelotas e utilizou soluções da cidade romana da Antiguidade, adaptadas para auxiliar na organização da necrópole. Com isso, verificou-se que a preocupação com a saúde substituiu a tradição nos campos santos de Pelotas, mudando os locais de sepultamento para evitar a propagação de doenças provindas dos corpos em decomposição.

Encerrando o número na secção depoimentos são registradas duas entrevistas com os arquitetos Carlos Henrique Heck e Osmar Antonio Mammini diretamente envolvidos em projetos de novos edifícios para a produção e biotério do Instituto Butantan decorridos exatamente há 50 anos. Fruto da vontade da instituição em modernizar-se, com o apoio do governo estadual - e do convênio firmado entre o Fundo de Construção da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira (Fundo CUASO) -, o prédio da produção chegou a ser parcialmente construído, enquanto o Biotério de Criação só restou registrado em desenhos.

Boa Leitura!
Comissão Editorial